

MORTE E SOBREVIVÊNCIA: O USO DE DADOS DE CAUSAS DE MORTES PARA A ANÁLISE DO ESPAÇO URBANO EM MAUÁ-SP NO PERÍODO 1990-1995

Fernando Carlo Vedovate

Aluno do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Pretendemos apresentar o resultado do Trabalho de Graduação Individual necessário a conclusão do curso de Geografia da FFLCH-USP. Nossa proposta foi desenvolver o estudo do espaço urbano do município de Mauá através da análise das causas de mortes da população. Entendemos o estudo das causas de morte como importante elemento da análise geográfica e, através dele, traçar um quadro da ação do Estado no que se refere a gestão da pobreza. Para que isso fosse possível, foram feitos dois recortes: a) temporal: definindo a abrangência do estudo entre os anos de 1990 a 1995. b) espacial: centrando a análise em uma área - o bairro do Jardim Oratório, que se localiza no município de Mauá e é considerado uma das maiores favelas do Estado. Para entendê-lo da melhor maneira e tornar possível comparações, esse bairro foi comparado com os mesmos dados analisados em três escalas diferentes, distintas quanto à sua importância no espaço local, regional, nacional e no sistema mundial, o município de Mauá, a Região Metropolitana da Grande São Paulo e o Estado de São Paulo. É na relação entre a Formação Econômico Social, mortalidade e urbanização que se dá o entendimento do espaço.

Apesar das especificidades existentes em cada lugar, vivemos em um mundo onde o Modo capitalista de produção é predominante, impondo à sociedade determinadas configurações sociais e territoriais, apresentando características comuns que podem e devem ser relacionadas. Partimos do pressuposto de que os resultados encontrados na área de estudo específica (Jardim Oratório), repetem-se de maneira semelhante em outras áreas da metrópole paulistana, de outras metrópoles brasileiras e de países que estejam inseridos da mesma forma que o Brasil na Divisão Internacional do Trabalho.

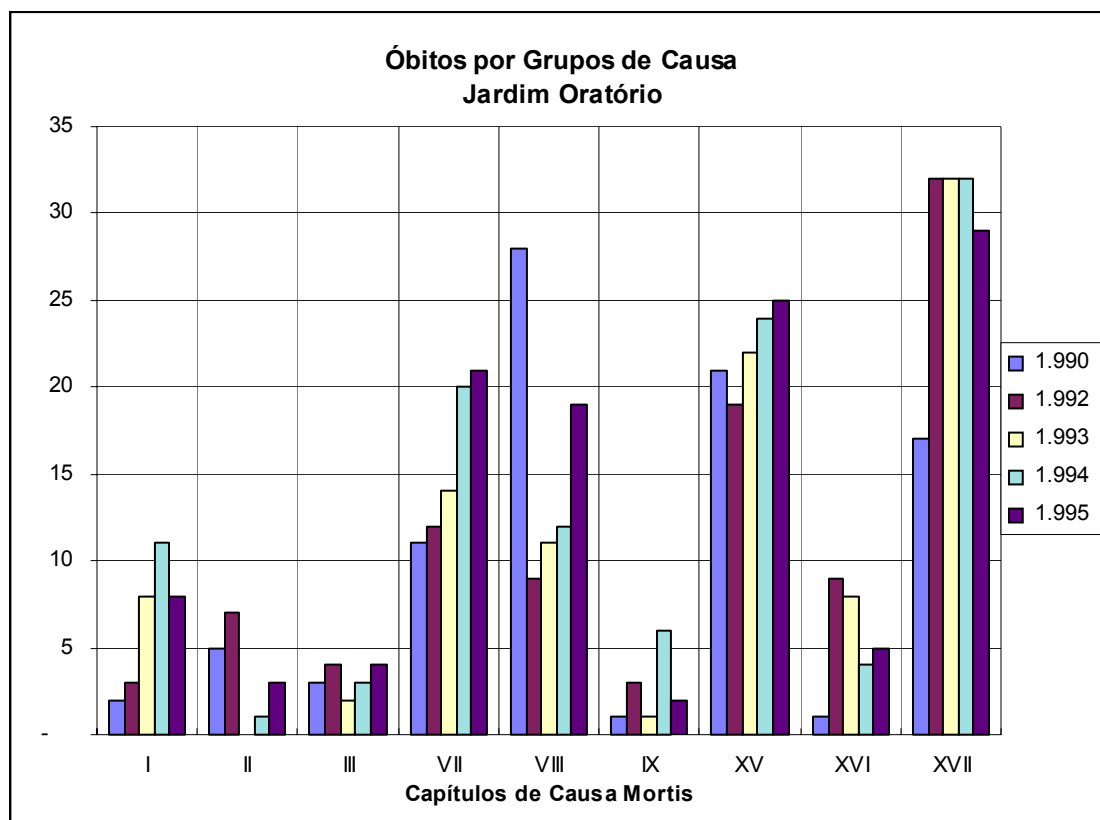
Tabela 1 - ÓBITOS DE RESIDENTES: JARDIM ORATÓRIO

	Causa - Capítulo CID	1.990	1.992	1.993	1.994	1.995
I	Doenças infecciosas e parasitárias	2	3	8	11	8
II	Neoplasmas	5	7	-	1	3
III	Glând. endócr, nutriç, metab. e transt. imunitários	3	4	2	3	4
VII	Doenças do aparelho circulatório	11	12	14	20	21
VIII	Doenças do aparelho respiratório	28	9	11	12	19
IX	Doenças do aparelho digestivo	1	3	1	6	2
XV	Algumas afecções originadas no período perinatal	21	19	22	24	25
XVI	Sintomas, sinais e afecções mal definidas	1	9	8	4	5
XVII	Causas externas	17	32	32	32	29
	TOTAL	89	98	98	113	116

Fonte: FUNERÁRIA MUNICIPAL DE MAUÁ

Org.: Fernando Vedovate

GRÁFICO 1



No Jardim Oratório a violência é sem dúvida a principal causa de morte da população. Esse índice é discrepante do ponto de vista estatístico, se relacionado aos índices das outras

áreas contidas neste trabalho. No entanto, ao contrário de serem ignorados, eles devem servir de alerta. Uma reflexão faz-se necessária. Por que morre tanta gente dessa forma? Somente na análise dos dados de um bairro isolado esse dado aparece. Caso fosse analisado no conjunto do município, essa questão seria secundária, já que o grupo de causa morte que mata mais é aquele causado por doenças no aparelho circulatório. As mortes violentas saltam aos olhos de quem olha o gráfico do bairro, levando o pesquisador a essa direção.

Cada vez mais, as cidades assumem feições ditadas por uma “arquitetura do medo”: muros altos; cercas ao redor das casas; proliferação de sofisticados sistemas de segurança e alarme; crescimento visível das empresas privadas de vigilância; aumento do número de portes e registros de armas concedidos à população; fuga de zonas e regiões onde o risco de transitar sozinho de dia e, principalmente, à noite, é bastante elevado; além de vários outros mecanismos de autoproteção. Diante dessa nova arquitetura, os indivíduos moldam seus comportamentos à nova realidade e reorientam-se no sentido de conviverem com o medo e com a insegurança, sob a tensão da expectativa de serem vítimas de ofensas criminais.¹

Este trabalho procurou demonstrar que é necessário romper as barreiras das categorias definidas na divisão intelectual do trabalho e utilizarmos novos instrumentos de análise de uma realidade concreta, que salta aos nossos olhos, mas que, por muitas vezes em nossas abstrações científicas, não damos a atenção merecida. O dos dados de “causas de morte” foi uma tentativa de utilização de uma categoria não tradicional nos estudos de geografia, para auxiliar o entendimento da produção do espaço urbano em uma área específica, mas que pode ser estendida a outras áreas semelhantes na metrópole.

Através da análise feita nesse trabalho, pudemos concluir que a maioria da população pertencente às classes sociais média e alta morre de doenças crônico-degenerativas. Morrem assim porque têm acesso à saúde pública de melhor qualidade e à saúde privada que podem pagar, moram em locais protegidos contra as agressões do meio e com alguma segurança. Suas casas possuem acabamento, iluminação, água encanada e sistema de esgoto. O que ocorre de fato é que essas pessoas *deixam de morrer de doenças banais*. Do mesmo modo, não é a população pobre e carente de infra-estrutura e equipamentos básicos que *morre de*

¹ FEIGUIN. D. “Tempo de Violência: medo e insegurança em São Paulo” in: **São Paulo em Perspectiva**. no. 2. São Paulo. Fundação Seade. 1995. pp.73-74.

doenças relacionadas à pobreza e ao subdesenvolvimento. Na verdade, *elas não sobrevivem a tempo de adquirir doenças crônico-degenerativas associadas ao modo de vida capitalista urbano e morrer dessas maneira pois esta morte lhes é negada*. Eles não sobrevivem a tempo. Se a pessoa sobrevive à primeira infância, fica submetida a violência que impera em seu bairro. Muito mais do que falta de vontade política para resolver, pelo menos em parte esse problema, o que existe, de fato, é a negligência das medidas necessárias para conter uma boa parte dessas mortes, no campo da saúde pública, que são muitas vezes tão simples de serem adotadas.

BIBLIOGRAFIA

CAMARGO, A. B. M. e ORTIZ, L. P. “Mortalidade Infantil em São Paulo no Período 1980/1992” in: **Mortalidade e sobrevivência no Estado de São Paulo**. São Paulo, Fundação SEADE, 1994. pp. 77-116.

CAMARGO, C. P. et alii. **São Paulo 1975: crescimento e pobreza**. São Paulo, Loyola, 1975.

CAMPANÁRIO, P. E MAIA, P.B., “A mortalidade por causa no Estado de São Paulo no Período 1980-1992”. In: **Mortalidade e sobrevivência no Estado de São Paulo**. São Paulo, Fundação SEADE, 1994. pp. 3-40.

CHOR, Dóra *et. alii*. “Doenças Cardiovasculares: panorama da mortalidade no Brasil.” in: **Os muitos Brasis: saúde e população na década de 80**. São Paulo, HUCITEC-ABRASCO. 1995. pp.57-86.

COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ DE SÃO PAULO. **São Paulo, trabalhar e viver**. São Paulo, Brasiliense, 1989.

DIÁRIO DO GRANDE ABC. **Estudo aponta Mauá como marginalizada**. 6/8/95.

FEIGUIN, D. e LIMA, R. S. “Tempo de Violência: medo e insegurança em São Paulo.” in: **São Paulo em Perspectiva**. no. 2. São Paulo. Fundação Seade. 1995. pp.73-80.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Mortalidade materna cresce em São Paulo**. 21/07/96.

FOLHA DE SÃO PAULO. **A moléstia do crime**. Caderno Mais. 22/9/96.

IYDA, Massako. **Cem anos de saúde pública**. São Paulo, Editora da UNESP. 1994.

KOWARICK, L. **A Espoliação urbana (2a. edição)**. São Paulo, Paz e Terra, 1993.

- KOWARICK, L. e CAMPANÁRIO, M. “São Paulo: Metrópole do Subdesenvolvimento Industrializado.” in: **Revista Novos Estudos**, no.13, São Paulo, 1985.
- KOIFMAN, S. “Incidência de câncer no Brasil”. in: **Os muitos Brasis: saúde e população na década de 80**. São Paulo, HUCITEC-ABRASCO. 1995. pp.143-176.
- LANGENBUCH, J. R. **Assentamento industrial na Grande São Paulo: análise retrospectiva**. São Paulo, s.d. (mimeo).
- MARICATO, Hermínia. “Autoconstrução, a arquitetura possível”. in: **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial** (2^a ed.). São Paulo, Alfa e Ômega, 1982. pp. 71-93.
- MARICATO, Hermínia **Metrópole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência**. São Paulo, HUCITEC, 1996.
- MARTINS, José de Souza. (org.) **A morte e os mortos na sociedade brasileira**. São Paulo. Hucitec. 1983.
- MARTINS, José de Souza. **Subúrbio - vida cotidiana e história no subúrbio de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha**. São Paulo/São Caetano do Sul, Hucitec/Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.
- MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. (Os Economistas). São Paulo: Nova Cultural, 1988. (3^a ed.)
- MÉDICI, Ademir. **De Pilar a Mauá**. Mauá, Prefeitura Municipal de Mauá, 1985.
- MONTEIRO, Carlos Augusto. (org.) **Velhos e novos males da saúde no Brasil. A evolução do país e suas doenças**. São Paulo, HUCITEC/NUPENS-USP. 1995.
- OLIVEIRA, L. A. P. e MENDES, M. M. S. “Mortalidade infantil: uma avaliação de tendências recentes.” in: **Os muitos Brasis: saúde e população na década de 80**. São Paulo, HUCITEC-ABRASCO. 1995. pp. 291-303.
- PAULA, Sérgio Góes. **Morrendo à toa: causas da mortalidade no Brasil**. São Paulo, Ática, 1991.
- POPP, Elisabeth V. **Urbanização e mortalidade no Brasil: uma introdução à geografia médica**. São Paulo, Trabalho de Graduação Individual apresentado ao Departamento de Geografia - USP, Inédito, 1993.

ROLNIK, Raquel e BONDUKI, Nabil. “Periferia da Grande São Paulo. Reprodução do espaço como expediente de reprodução da força de trabalho.” in: **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial** (2^a ed.). São Paulo, Alfa e Ômega, 1982. pp. 117-154.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica.** São Paulo, Hucitec-Edusp, 1978.

SANTOS, Milton. **Pobreza urbana** (2^a ed.). São Paulo, Hucitec, 1979.

SANTOS, Milton. **Metrópole corporativa fragmentada: o caso de São Paulo.** São Paulo, Nobel/Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

SANTOS, Milton. **Por uma economia política da cidade: o caso de São Paulo.** São Paulo, Hucitec-Educ, 1994.

SAWAIA, B. B. “O calor do lugar: segregação urbana e identidade.” in: **São Paulo em Perspectiva.** no. 2. São Paulo. Fundação Seade. 1995. pp. 20-24

SEABRA, Odette C. L. “Pensando o processo de valorização e a geografia.” in: **Boletim Paulista de Geografia.** no. 66. São Paulo. Associação dos Geógrafos Brasileiros. 1988. pp.97-104.

SINGER, P. **Economia Política da Urbanização (4a. edição).** São Paulo, Brasiliense/CEBRAP, 1977.

SINGER, P. “O uso do solo urbano na economia capitalista”. In: **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial** (2^a ed.). São Paulo, Alfa e Ômega, 1982. pp.21-36.

SOUZA, E. R. e MINAYO, M. C. S. “O impacto da violência social na saúde pública do Brasil: década de 80.” in: **Os muitos Brasis: saúde e população na década de 80.** São Paulo, HUCITEC-ABRASCO. 1995. pp. 87-116.

SPOSATI, Aldaísa. **Vida urbana e gestão da pobreza.** São Paulo, Cortez, 1988.

TUNES, S. e OLIVEIRA, W. “Muda o mapa de nossas doenças.” in: **Globo Ciência.** no. 68. São Paulo. Globo. 1997. pp. 35-39.

VERAS, Renato. “A população idosa no Brasil: considerações acerca do uso de indicadores de saúde.” in: **Os muitos Brasis: saúde e população na década de 80.** São Paulo, HUCITEC-ABRASCO. 1995. pp. 320-337.